



ECONOMIA ENERGIA

O NOSSO DESASTRO

Concluir Angra 3, cujas obras foram reiniciadas por Lula, vai custar 17 bilhões de reais – e o preço elevado de sua energia pode tornar o projeto inviável

BIANCA ALVARENGA

Depois da tragédia de Fukushima, no Japão, em 2011, a preocupação com a segurança das usinas nucleares voltou ao centro das atenções em diversos países. Essa não foi a única causa, mas contribuiu para o encerramento das atividades de muitas delas. O governo alemão, por exemplo, vai desativar todas as suas usinas nucleares até 2022. Nos Estados Unidos, cinco foram fechadas e outras quatro deverão ter o mesmo destino nos próximos anos. Essa decisão só foi possível porque novas fontes de energia ganharam espaço nos últimos anos, como as térmicas a gás, as turbinas eólicas e os parques solares. São fontes mais acessíveis e de menor risco.

O Brasil, entretanto, pouco antes do acidente no Japão, havia optado por resgatar o projeto de concluir a usina nuclear Angra 3, no litoral fluminense, iniciada na década de 80. A construção foi retomada em 2009, sob a justificativa de afastar a ameaça de um novo apagão no país. As obras estão suspensas, porém, desde 2015, após revelações de denúncias de corrupção. E, mesmo depois de elas terem consumido 8 bilhões de reais, não se vislumbra o término das instalações. Agora, nem a Eletronuclear, a estatal encarregada



MARCELO MORAIS

A MULTIPLICAÇÃO DOS CUSTOS

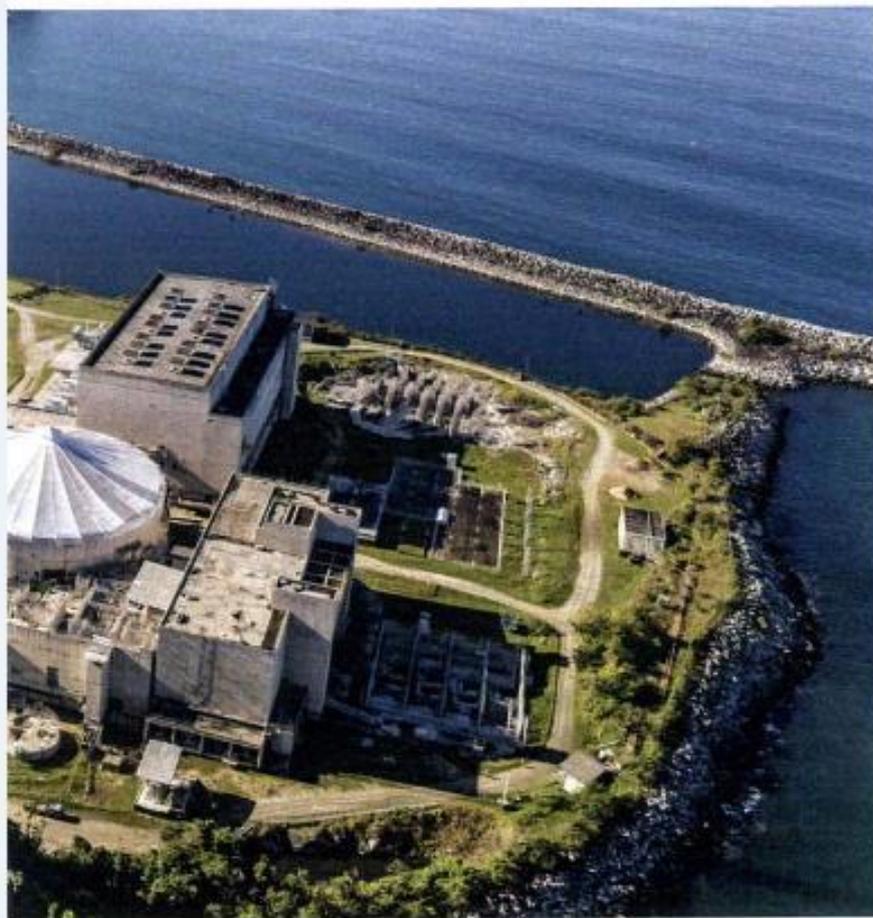
O orçamento estimado para concluir as obras da usina nuclear Angra 3 triplicou

ESTIMATIVA INICIAL (2009)	 PREVISÃO DE CUSTO (em reais)	ESTIMATIVA ATUAL
8,4 bilhões	PREVISÃO DE CONCLUSÃO	25 bilhões*
2015	TARIFA ESTIMADA (em reais por MWh)	480
140		

Fonte: Eletronuclear

* 8 bilhões já aplicados a outros 17 bilhões para a conclusão

PRE NUCLEAR



NO ESCURO Obras suspensas, denúncias e orçamento estourado

do projeto, nem o governo têm o capital para tocar o empreendimento.

Quando o canteiro de obras foi retomado, nos tempos de oba-oba do governo Lula, calculava-se que a conclusão da usina consumiria 8,4 bilhões de reais e ela seria inaugurada em 2015. Estimativas furadas. A ideia não declarada era apenas fazer girar as negociatas com as empreiteiras. As investigações da Lava-Jato revelaram que o almirante Othon Luiz Pinheiro da Silva, ex-presidente da Eletronuclear, recebeu propina de 4,5 milhões de reais da Andrade Gutierrez, responsável pelas obras de Angra 3. Resultado: tudo parou, e o trabalho continua inacabado.

Números atualizados informam que serão necessários outros 17 bilhões de reais para concluir a usina. Ninguém tem ideia de onde sairá tanto dinheiro. E os contratemplos não param por aí. Em 2009, o custo para o funcionamento de Angra 3 foi calculado em 140 reais por megawatt-hora (MWh). Era esse o valor da tarifa a ser cobrada para que o investimento fosse viável. Hoje, o custo estimado chega perto dos 500 reais por MWh. É o sêxtuplo do custo de geração da hidrelétrica de Belo Monte (veja o quadro ao lado). Outra comparação desfavorável a Angra 3: ela terá capacidade de produção de energia equivalente à da hidrelétrica de Teles Pires, na divisa do Pará com Mato Grosso, mas custará seis vezes mais. "Pelos valores atualizados, se Angra 3 estivesse em operação, haveria um acréscimo de 2% na conta de luz de todos os brasileiros", afirma Edvaldo Santa-

O PREÇO DA ENERGIA

Valor médio de cada tipo de geração, em reais por megawatt-hora (MWh)



Fontes: Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) e Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) *Estimativa

na, ex-diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Parece pouco, mas trata-se de um valor considerável, tendo em vista que a usina responderá por uma fração inferior a 1% da oferta de eletricidade no país.

O destino de Angra 3 virou um dos empecilhos no caminho da privatização da Eletrobras, porque a área nuclear representa um passivo no balanço da estatal. A solução proposta pelo governo prevê a nomeação de um novo consórcio para a construção dos 35% restantes da usina. Esse consórcio financiaria os 17 bilhões de reais necessários e repassaria o gasto para o consumidor, por meio da tarifa de energia. Mais uma vez, de uma forma ou de outra, está em gestação a socialização de prejuízos.

Outra opção seria simplesmente congelar o projeto. O Ministério de Minas e Energia fez as contas e descobriu que, para pagar os financiamentos já contratados, desmontar o canteiro de obras e dar um fim seguro ao reator, seriam necessários 12 bilhões de reais. “É preciso reconhecer que Angra 3 foi um fracasso e tomar isso como uma lição histórica”, afirma Claudio Salles, presidente do Instituto Acende Brasil.

Angra 3 é uma das heranças faraônicas da ditadura militar. Sua construção começou em 1984, uma década depois do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha. Os alemães forneceram tecnologia para a criação de Angra 1 e Angra 2, ambas operando atualmente. Com a crise nas contas públicas e a moratória da dívida externa, o governo brasileiro desistiu de Angra 3 dois anos após o início das obras. As outras duas, por muito tempo, eram usinas “vagalumes”, por causa de frequentes problemas em suas operações. A terceira, retomada pelos sonhos faraônicos do governo do PT, permanece com o futuro incerto. Seja qual for a solução, seguir em frente ou acabar com tudo, a conta caberá a todos os brasileiros. ■



NO RUMO Macron, ao discursar: ele dobrou a espinha dos ferroviários

A DIETA FRANCESA

Macron entra no segundo ano de mandato com baixa popularidade, mas promete manter as reformas e criar o “Estado de bem-estar do século XXI” **GIULIANO GUANDALINI**

NA TERÇA-FEIRA 10, Emmanuel Macron teve uma atitude ousada para um presidente com popularidade em queda. Foi até São Petersburgo, na Rússia, para torcer pela sua França na semifinal contra a Bélgica. Ao fim, a aposta deu certo. Os *bleus* bateram os *diablos rouges* (veja a reportagem na pág. 70). A maior ousadia de Macron, entretanto, ocorreu um dia antes de embarcar. Na segunda-feira, em um discurso aos parlamentares, o presidente anunciou a sua intenção de ir adiante com o projeto de reformar o generoso sistema de proteção social de

seu país. Prometeu acabar com os quarenta tipos de aposentadoria e fundilos em apenas um, dando fim aos privilégios de certas categorias profissionais. Acusado de governar para os ricos, Macron disse que sua prioridade no segundo ano de governo será criar as bases para estabelecer o “Estado de bem-estar social do século XXI”. Afirmou que o objetivo deve ser o incentivo ao mérito e ao esforço individual. “O primeiro pilar da política social deve ser a emancipação.” É um sinal de que não recuará diante da impopularidade dos ajustes propostos. Em sonda-